



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.110.A0010>

Possíveis relações entre gênero, sexualidade e escola: Composições de uma pesquisa-intervenção com jovens estudantes

Possible relations between gender, sexuality and school: compositions of an Intervention Research with young students

Lara Thayse de Lima Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)
<https://orcid.org/0000-0003-3751-9765>
larathayse@alu.ufc.br

Luciana Lobo Miranda
Universidade Federal do Ceará (UFC)
<http://orcid.org/0000-0002-7838-8098>
lobo.lu@uol.com.br

Agradecemos à Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) concedidas para a realização da pesquisa. Agradecemos também ao Fundo Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo financiamento para auxílio de despesas excepcionais de pequeno valor através do Edital nº03/2019.

Resumo

As relações de gênero e sexualidade têm atravessado a escola, dos documentos públicos de educação e da educação sexual às atividades cotidianas presentes neste espaço. O objetivo deste artigo é analisar a produção discursiva de jovens estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE acerca da relação entre gênero, sexualidade e escola. A análise é realizada com base nos dados construídos em uma Pesquisa-Intervenção que teve como dispositivo um curso de formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar, com participação de 36 estudantes do ensino médio, que, em grupos, construíram pesquisas que tinham a escola como locus central. Utiliza-se como material de análise a transcrição de encontros do curso e diários de campo. Foram formadas sete (7) equipes de pesquisa, e três (3) destas escolheram temáticas de pesquisa transversais às questões de gênero e de sexualidade. Utiliza-se da Análise do Discurso de base foucaultiana para análise dos dados. Observa-se que os discursos dos/as jovens acerca da discussão das questões de gênero e sexualidade na escola são marcados pelo atravessamento de distintas produções de saber, tornando-os contraditórios, ora reivindicando mudanças na escola, ora afastando-a de qualquer discussão devido a empecilhos morais. Apesar desta dispersão discursiva, a necessidade de romper com situações de violência e sofrimento ocasionadas por práticas normalizadoras em relação ao gênero e à sexualidade é marcante. Conclui-se que os/as estudantes demandam construções coletivas entre os/as membros/as da comunidade escolar, que permitam a produção de novos discursos acerca do gênero e da sexualidade.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educação; Juventude.

Abstract

Gender and sexuality relations have been crossing schools, from legal public education documents and sex education until daily activities in this environment. This article aims to analyse the discursive production of young students of a public high school located in Fortaleza/CE on the relation between gender, sexuality and school. The analysis is based on the data created on an Intervention Research experience that had as a device a training course for young researchers of the daily school life, with the participation of 36 high school students, that, split in groups, created researches with school as the main locus. The course meetings transcriptions and field journals were used as material for the analysis. Between the seven (7) teams created, three (3) chose to research themes that are related to gender and sexuality issues. Foucault based Discourse Analysis is used to analyse the data. It's seen that the young students' discourses around the discussion of gender and sexuality issues at school are marked by the crossing between diverse productions, making them contradictory, at the same time claiming changes in school and drifting away the school from these discussions due to moral impediments. Despite the multiplicity, the need to rupture with violent and suffering situations caused by normalizing practices related to gender and sexuality are outstanding. In conclusion, the students demand collective constructions between all of the school's community members, which allows the production of new discourses about gender and sexuality.

Key-words: Gender; Sexuality; Education; Youth.

Resumen

Las relaciones de género y sexualidad cruzan la escuela, desde los documentos públicos de educación y la educación sexual hasta las actividades diarias en este espacio. El objetivo de este artículo es analizar la producción discursiva de jóvenes estudiantes de una escuela pública secundaria situada en Fortaleza/CE sobre la relación entre género, sexualidad y escuela. El análisis está basada en los datos construidos en una Investigación de Intervención que tuvo como dispositivo un curso de capacitación para jóvenes investigadores de la vida diaria escolar, con la participación de 36 estudiantes de la escuela secundaria que, divididos en grupos, construirán investigaciones que tengan la escuela como locus centrale. Las transcripciones de las reuniones del curso y los diarios de campo son usados como material de análisis. Entre los siete (7) equipos formados, tres (3) eligieron temas de investigación transversales a las cuestiones de género y sexualidad. Se usa el Análisis del Discurso basado en Foucault para análisis de los datos. Se observa que los discursos de los jóvenes sobre la discusión de género y sexualidad en la escuela están marcados por el cruce de distintas producciones, haciéndolos contradictorios, a veces reclamando modificaciones en la escuela, a veces poniéndola lejos de cualquier discusión debido a obstáculos morales. A pesar de las multiplicidades, la necesidad de romper con situaciones de violencia y sufrimiento causados por prácticas normalizadoras con relación al género y a sexualidad también es notable. Se concluye que los estudiantes exigen construcciones colectivas con todos los miembros de la comunidad escolar que permitan la producción de nuevos discursos sobre género y sexualidad.

Palabras-clave: Género; Sexualidad; Educación; Juventud.

Introdução

A discussão acerca da inclusão ou não das temáticas de gênero e sexualidade, bem como da própria educação sexual nos espaços escolares não é nova, mas se atualiza constantemente. Fazendo um recorte de pouco mais de duas décadas acerca de como esses temas vêm sendo escritos nos planos educacionais brasileiros, Barbosa, Viçosa e Folmer (2019) apontam que o termo “Orientação Sexual” aparece formalmente pela primeira vez em 1997 nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como tema transversal a ser trabalhado interdisciplinarmente na escola, discutindo práticas preventivas nas questões de gênero e sexualidade. Já em 2001, no Plano Nacional de Educação (PNE) proposto para os anos de 2001 a 2010, novamente o tema aparece como transversal, ressaltando a necessidade de discussões em saúde, ética, gênero e sexualidade. Entretanto, ambos os projetos tiveram dificuldades em serem implementados, com muitos de seus objetivos deixados sem conclusão, e com o trato ainda incipiente dessas temáticas (Barbosa, Viçosa & Folmer, 2019).

Em gradual afastamento da discussão de gênero e sexualidade, o PNE elaborado para o decênio 2011-2020 tratava de forma superficial as questões, colocando-as dentro

da promoção de igualdades sociais na escola. Em uma atualização do plano, para 2014-2024, gênero e sexualidade não são questões sequer mencionadas. O mesmo acontece na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), aprovada em 2017, que exclui as temáticas dos objetivos, diretrizes e competências gerais da Educação, estabelecendo uma relação estritamente biológica entre a sexualidade e o ensino escolar, com a presença explícita do tema apenas nas aulas de ciências de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental (Barbosa, Viçosa & Folmer, 2019).

Especificamente no estado do Ceará, local de realização de nossos trabalhos de pesquisa, o Plano Estadual de Educação (PEE) de 2016 dá destaque ao trabalho dessas questões de forma contraditória. Ao passo em que o PEE em questão dá ênfase à exclusão completa do que chama de “ideologia de gênero”¹ dos espaços educacionais na 15ª diretriz dessa lei, este também é constituído por metas e estratégias que colocam como papel das instituições escolares aumentar a escolaridade de segmentos populacionais que sofrem preconceitos por sexo e orientação sexual, assim como realizar ajustes em currículos para o desenvolvimento de uma cultura de superação das discriminações por orientação sexual (Vianna & Bortolini, 2020), como pode ser visto nos trechos a seguir destacados:

Meta 8: Elevar, até 2024, em regime de colaboração, a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano, para as populações do campo, os povos tradicionais, e demais segmentos populacionais que sofrem preconceitos e opressões em razão de sua nacionalidade, condição social e local de nascimento, raça, cor, religião, origem étnica, convicção política ou filosófica, deficiência física ou mental, doença, idade, atividade profissional, estado civil, classe social, *sexo, orientação sexual e moral familiar, respeitando-*

¹ Ideologia de gênero é um termo utilizado por movimentos religiosos para nomear e buscar romper com a inserção institucional de políticas que buscam a ampliação de direitos para expressões de sexualidades e gêneros considerados dissidentes, que seriam uma ameaça à moral familiar tradicional (Junqueira, 2017). O termo, então, carrega uma moralização que constrói uma espécie de mística em torno dos estudos e das mobilizações políticas relacionados às questões de gênero, distorcendo essas movimentações e as ridicularizando.

se a orientação dos pais e/ou responsáveis [grifo nosso] [...] (Decreto de Lei nº 16.025 de 30 de maio do Poder Executivo do Estado do Ceará, 2016, p. 8)

[Estratégia] 21.10. promover, em no máximo 2 (dois) anos após a aprovação deste Plano, ajustes nos currículos das escolas indígenas, quilombola e do campo, inserindo conteúdos (recursos hídricos e tecnologias sociais de convivência com o semiárido, sucessão rural, associativismo e cooperativismo, cultura local, saberes e experiências dos sujeitos da região, meio ambiente, ecossistemas costeiros, manejo do bioma caatinga, manejo sustentável de solo, desenvolvimento local sustentável, economia solidária, *abordagem que vise desenvolver cultura de superação do preconceito e discriminação aos segmentos populacionais, inclusive por racismo, por sua orientação sexual, machismo* [grifo nosso], intolerância religiosa e geração, etnia, agroecologia, gestão territorial, medicina tradicional, pintura corporal e rituais indígenas, etc) que atendam a realidade e as especificidades dessas comunidades (Decreto de Lei nº 16.025 de 30 de maio do Poder Executivo do Estado do Ceará, 2016, p. 14)

Entretanto, é importante destacar que, acompanhando a abertura do plano para a entrada da discussão e tentativa de superação das segregações sofridas por determinados grupos por conta de performatividades de gênero² e/ou de orientação sexual dissidentes, o texto atrela constantemente a ideia de que as crenças e a moral familiares devem ser respeitadas e prevalecem na elaboração do que é trabalhado na escola no que diz respeito a essas questões (Vianna & Bortolini, 2020). Assim, o texto reforça as ideias difundidas por aquilo que seria reconhecido como “ideologia de gênero”, priorizando preceitos morais que, em muito, se ligam a uma distorção do que seriam os estudos e os movimentos políticos ligados às questões de gênero. Em relação a isso podemos destacar o texto da estratégia 8.8:

² Destaca-se que “performatividades de gênero”, segundo Butler (2003), se referem aos atos, aos gestos, e às criações de gêneros cotidianas e ordinárias, que destacam que o gênero não é pré-concebido por um acontecimento puramente biológico, por exemplo, mas possui esse caráter performativo.

Garantir a formação inicial e continuada de professores, gestores e demais profissionais da educação para desenvolver uma cultura de acolhimento, respeito, inclusive quanto a todos os preconceitos e opressões em razão de sua nacionalidade, condição social e local de nascimento, raça, cor, religião, origem étnica, convicção política ou filosófica, deficiência física ou mental, doença, idade, atividade profissional, estado civil, classe social, *sexo, orientação sexual e moral familiar, respeitando-se a orientação dos pais e/ou responsáveis* [grifo nosso] (Decreto de Lei nº 16.025 de 30 de maio do Poder Executivo do Estado do Ceará, 2016, p. 9)

Além de planos educacionais, o trato da saúde sexual também pode se apresentar na escola por meio de programas de promoção e prevenção em saúde, como o Programa Saúde na Escola (PSE) e o Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), articulações entre o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Saúde (MS). Esses propõem a construção de discussões na escola acerca de temas como HIV, gravidez na adolescência, protagonismo juvenil, entre outros, conectando o espaço escolar à saúde sexual na adolescência. Apesar de ser uma política discursiva que apoiada no discurso jurídico da igualdade, destacando o respeito e a aceitação à diversidade sexual, a matriz ainda pode ser vista como heteronormativa, considerando que a “diversidade” é aquela que escapa a heterossexualidade, que é vista como o normal da sexualidade (Medeiros, Mourão & Miranda, 2020). Ademais, como afirma Carvalho (2015), as equipes de atenção primária em saúde ligadas aos programas muitas vezes estabelecem uma relação meramente aplicativa de práticas clínico-biológicas, sem implicação com o cotidiano escolar ou engajamento dos atores desta comunidade na construção das atividades.

Em suas inserções através de documentos públicos e programas mencionados, a educação sexual e as questões de gênero e sexualidade na escola são, muitas vezes, colocadas com um trato biologicista: a sexualidade é tratada como sexo heterossexual, em uma divisão de gênero binária, que pouco reconhece as diferentes formas de expressão do gênero e da sexualidade. Dessa forma, comumente, a competência da escola está muito mais ligada a retratar um esquema reprodutivo e higienista, que marca os possíveis das identidades de gênero e sexuais, do que a discutir sexualidades e gêneros como parte das relações sociais, historicamente constituídos, envoltos por estratégias de saber-poder, que

implicam diversidades, desigualdades, controle dos corpos e resistências (Foucault, 2020; Louro, 2018; Scott, 1995).

Por outro lado, o cotidiano escolar e as vivências de gênero e sexualidade, aqui enfatizando as de jovens de escola pública, foco da pesquisa, demarcam aspectos outros a essas questões, que fogem às normativas e ao “puramente” biológico. Gênero e sexualidade aparecem nas conversas informais, nos namoros, no bullying, nas performatividades cotidianas da juventude (Louro, 2014). É incabível separar a escola desses acontecimentos e não parece ser possível compreender as identidades sexuais e de gênero apenas em termos fisiológicos e anatômicos.

Com isso, a escola é um espaço de construção do dispositivo sexualidade, isto é, de estratégias de cuidado e controle dos corpos das juventudes, atravessada por diferentes discursos acerca desses. O dispositivo sexualidade como afirma Foucault (2020), diz das produções de saber-poder acerca do sexo, dos prazeres, das normativas sobre a sexualidade, criando verdades e possibilidades sobre a manifestação da sexualidade, isto é, toda uma política discursiva acerca dessa. Enquanto nos documentos oficiais de educação, a sexualidade é inserida como política discursiva que, muitas vezes, incita uma fala normalizadora e normatizadora, atravessada pela moral familiar, as produções discursivas do ambiente escolar, colocada por diferentes atores dessa comunidade, possibilita esses e outros discursos acerca do sexo e dos corpos permeie este espaço.

Assim, outras formas possíveis de discutir essas temáticas no espaço escolar são construídas, a fim de criar um distanciamento do caráter biológico e normalizador da sexualidade e do gênero, como a “Educação para a Sexualidade” que, para além de pensar preventivamente, destaca a necessidade de problematizar discursos naturalizados e naturalizantes, explorando seu caráter histórico e social (Varela & Ribeiro, 2017), e articulando-se à ideia de Britzman (2018) de que o debate dessas questões deve ser pautado pelo que Foucault afirma como ética do cuidado de si, ou seja, de forma que permita a exploração de si e a criatividade sobre o próprio corpo. Ademais, Britzman (2018) aponta que, para isso, essas discussões devem acontecer entre professores e estudantes, e não de forma predisposta, com ensinamentos dos supostos corretos da sexualidade a serem transmitidos aos/às alunos/as.

Seguindo a ideia da importância de pensar a escola com os/as estudantes, colocamos em destaque uma pesquisa, amparada teórico-metodologicamente pela Pesquisa-Intervenção (PI) e pela Pesquisa Ação Participativa Crítica³ (CPAR), realizada com jovens secundaristas de uma escola pública em que eles/as mesmos/as atuavam como pesquisadores/as, escolhendo temas relacionados ao cotidiano escolar e construindo todo o delineamento de pesquisa conosco, pesquisadores universitários (Miranda, Gonçalves, Barros, Gonçalves & Queiroz, 2020). Ao escolherem os temas, gênero e sexualidade aparecem especialmente em três pesquisas, com temáticas: preconceito e diferenças de opinião, saúde mental de jovens e gravidez na adolescência - nesta última a Educação Sexual também é um tema abordado.

Logo, a ideia da pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”⁴, na qual o presente trabalho se inscreve, era trabalhar o “dispositivo pesquisa” como forma de enunciação de si e do cotidiano escolar. Enquanto dispositivo, é a partir dos temas estudados e pesquisados que os jovens fazem-ver e fazem-falar acerca de alguns aspectos de sua vida escolar, como os mencionados anteriormente. Como diria Deleuze (2005), pensar o dispositivo é tratar de analisar um regime de dizibilidade e visibilidade na relação sexualidade, gênero e escola que tem um efeito de subjetivação. Assim, os dados desta pesquisa nos colocam frente a que os/as jovens enunciam e demandam como acontecimento e atribuição da escola no que concerne a questões de gênero e sexualidade, especialmente aquelas ligadas à saúde mental, ao preconceito e à educação sexual.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar as produções discursivas de jovens estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE acerca da relação entre gênero, sexualidade e escola, partindo de um recorte dos dados construídos em uma Pesquisa-Intervenção em que secundaristas atuaram como pesquisadores/as do cotidiano escolar. Para isso, utilizando-se da Análise do Discurso (AD) de base foucaultiana, busca-se fazer uma articulação entre as construções dos/as

³ Tradução das autoras. Originalmente no inglês: *Critical Participatory Action Research*.

⁴ A pesquisa foi aprovada pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) com o parecer de número 3.227.767 e contemplada pelo edital nº03/2019 da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

jovens, tanto os/as pesquisadores/as secundaristas quanto os/as respondentes das pesquisas por eles/as produzidas; a inserção em documentos públicos de educação e as produções teóricas que tratam da relação da escola com gênero, sexualidade e educação sexual. Para isso, apoia-se analiticamente em autores/as que constroem teoricamente noções de gênero e sexualidade, como Butler (2003); Scott (1995) e Foucault (2020), além destes, também autores/as que discutem a relação entre escola e gênero e sexualidade, bem como as formas de educação sexual, como Louro (2014; 2018), Varela e Ribeiro (2017), Bento (2011), entre outros.

Objetivos

Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar as produções discursivas de jovens estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE acerca da relação entre gênero, sexualidade e escola, partindo de um recorte dos dados construídos em uma Pesquisa-Intervenção em que secundaristas atuaram como pesquisadores/as do cotidiano escolar. Para isso, utilizando-se da Análise do Discurso (AD) de base foucaultiana, busca-se fazer uma articulação entre as construções dos/as jovens, tanto os/as pesquisadores/as secundaristas quanto os/as respondentes das pesquisas por eles/as produzidas; a inserção em documentos públicos de educação e as produções teóricas que tratam da relação da escola com gênero, sexualidade e educação sexual. Para isso, apoia-se analiticamente em autores/as que constroem teoricamente noções de gênero e sexualidade, como Butler (2003); Scott (1995) e Foucault (2020), além destes, também autores/as que discutem a relação entre escola e gênero e sexualidade, bem como as formas de educação sexual, como Louro (2014; 2018), Varela e Ribeiro (2017), Bento (2011), entre outros.

Método

Participantes

Participaram da construção desta pesquisa, inicialmente, 36 estudantes secundaristas matriculados/as no 2º ano do ensino médio da escola de realização dos

procedimentos, que, após saídas voluntárias do processo de pesquisa, as ações na escola foram finalizadas com 30 alunos/as, com idades em 15 e 17 anos. Desses/as 30, 19 se identificaram com o gênero feminino e 11 com o masculino. A série foi escolhida como sugestão da gestão escolar, considerando que esses/as alunos/as estão há mais tempo na escola que aqueles/as do 1º ano, mas ainda não estão focados/as no ingresso à universidade como aqueles/as do 3º ano. Além deles/as, estavam como facilitadores/as do curso de extensão⁵ que os/as estudantes compuseram e que atuou como dispositivo de pesquisa, alunos/as de graduação e pós-graduação em Psicologia, assim como a professora orientadora.

Local

A escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE lócus da pesquisa em questão conta com um corpo estudantil com mais de 2000 estudantes e é reconhecida na cidade por seu grande número de aprovações no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e em vestibulares, além de sua militância em prol da garantia e melhoria da educação pública. A escola é reconhecida pelo envolvimento de toda a comunidade escolar e, especialmente, dos/as estudantes em atos políticos, como nas ocupações das escolas públicas em 2016 com o objetivo de impedir a aprovação de projetos de lei e de emendas constitucionais de diminuição de gastos com a educação. Ainda, o grêmio estudantil é ativo e atuante, participando de conselhos e estabelecendo uma mediação entre as demandas gerais dos/as estudantes e a gestão, contando também com a participação dos/as representantes de turma.

Assim, a escola assume abertamente um compromisso com a transformação social pela educação, tanto pelo ingresso de seus/suas alunos/as no ensino superior, quanto por meio da participação política e da promoção de espaços e ações que discutam questões como o racismo e as relações de gênero e de sexualidade. Isso pode ser percebido na construção coletiva entre alunos/as, professores/as e gestão da Semana de Consciência Negra, que mobiliza atividades voltadas para pensar as questões raciais de forma histórica e cultural, incluindo produções artísticas sobre o tema que são expostas nas paredes da

⁵ O curso de extensão mencionado será melhor explicado na subseção “Procedimentos”.

escola, bem como na nomeação dos corredores da escola com nomes de mulheres que representam a potencialidade de mudança social das relações de gênero, como Marielle Franco, feita pelos/as membros/as da comunidade escolar.

Procedimentos

Os principais objetivos gerais da pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, da qual parte este artigo, eram problematizar a relação juventude e escola com base na produção discursiva dos próprios jovens e analisar a construção de uma pesquisa com jovens de escola pública em que os próprios jovens sejam pesquisadores desse processo. A partir desses, neste trabalho em específico, o objetivo é analisar produções discursivas de jovens estudantes de uma escola pública, participantes da pesquisa, acerca da relação entre gênero, sexualidade e escola. Ainda, a fim de produzir esta pesquisa, utilizou-se o amparo dos campos ético-teórico-metodológicos da Pesquisa-Intervenção (PI) e da Pesquisa Ação Participativa Crítica (CPAR). O aporte de ambas lança luz sobre a impossibilidade de neutralidade, da pesquisa como ato político (Paulon, 2005; Maraschin, Rocha & Kastrup, 2015; Rocha & Aguiar, 2010), do delineamento da pesquisa com profunda participação dos sujeitos, vistos como co-pesquisadores, (Torre, Stoudt, Manoff & Fine, 2018); Miranda, Fine & Torre, 2020; Torre, Stoudt, Manoff & Fine, 2018) e, finalmente, da decolonização do conhecimento e da necessidade de democratização da pesquisa percebida no campo dos direitos (Appadurai, 2008).

De forma ao pôr em prática a elaboração conjunta das etapas de pesquisa, produzimos um dispositivo, isto é, uma ferramenta de pesquisa que possibilita a produção de acontecimentos, que faz ver e faz dizer sobre os modos de subjetivação engendrados no cotidiano escolar (Miranda, 2014), intitulado “Curso de Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”. O curso foi realizado presencialmente durante o primeiro semestre de 2019 na escola em questão, contando com a participação de 2 turmas, uma no turno da manhã e outra no turno da tarde, cada uma com 9 encontros semanais de 2h30min, com carga horária total de 30 horas, levando também em consideração atividades relacionadas à pesquisa de forma não presencial. Para que os/as estudantes pudessem participar do curso e da pesquisa, por se tratarem de sujeitos

menores de 18 anos, foi necessário consentimento dos/as responsáveis e dos/as próprios/as, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis e Termo de Assentimento para estudantes. Ademais, os/as estudantes se inscreveram no curso após processo de divulgação realizado pela equipe de Psicologia que atuou como facilitadora, tendo sido chamados a participar os/as primeiros/as 40 inscritos/as.



Figura 1. Encontro do curso de extensão. Fonte: Arquivos de pesquisa das autoras.

Durante os encontros, os/as estudantes se agruparam em 7 equipes, a partir do interesse comum de pesquisa, formulando, assim, 7 temas, sendo eles: gravidez na adolescência, saúde mental na juventude, preconceitos na escola, desgaste da vida acadêmica de jovens estudantes, racismo, pressão pré-vestibular e aprendizagem, em que os três primeiros temas citados se relacionam diretamente com o objetivo de análise deste artigo, tendo o primeiro estabelecido uma relação direta com a questão da Educação Sexual tradicional. A partir da escolha temática de cada grupo, construímos, conjuntamente, as etapas de pesquisa, da justificativa e da pergunta de partida à formulação do instrumento e análise dos dados.

Todas as equipes utilizaram formulários *online* com questões pertinentes ao objetivo de cada pesquisa, que foram respondidos de forma anônima por estudantes da escola e, no caso específico do grupo que investigou acerca da gravidez na adolescência, também por professores/as e gestão escolar, tendo as três pesquisas juntas obtido 188 respostas. Cada equipe fez a divulgação das pesquisas em sala de aula, durante o horário das aulas, em turmas distintas da sua própria, dificultando, assim, a identificação de

respostas dadas. A partir das respostas aos formulários, toda a análise e categorização dos dados foi feita pelos/as pesquisadores/as secundaristas com os/as pesquisadores/as universitários/as e, em seguida, dois momentos de compartilhamento e discussão dos dados foram realizados: um com estudantes representantes de turma e outro com professores/as do Projeto Diretor de Turma da escola⁶.

Com o dispositivo-curso, então, alguns espaços de discussão e produção puderam ser constituídos: 7 encontros dedicados a construção da pesquisa (objeto, objetivo, justificativa, pergunta de partida, instrumentos); 2 encontros dedicados à análise dos dados produzidos a partir dos questionários aplicados na escolas; 1 encontro entre as duas turmas do curso, de forma a compartilhar as construções entre si; 2 encontros dedicados ao compartilhamento com outros/as membros/as da comunidade escolar (professores/as DTs e alunos/as representantes de turma). Os encontros do curso, assim como momentos de discussão dos dados com a comunidade escolar, foram gravados e, após o encerramento, transcritos pelo grupo de pesquisa da universidade. Além disso, outros materiais construídos ao longo do período de atuação do curso com a escola foram os diários de campo, tanto aqueles de cada um dos 3 subgrupos destacados nesta análise, quanto aqueles do grupo de pesquisadores/as universitários/as. Os diários de campo continham impressões, sentimentos e questionamentos dos/as pesquisadores/as acerca do processo de pesquisa, articulando-se a esse como companheiro nas atividades investigativas (Medrado, Spink & Mélo, 2014). No caso dos grupos de pesquisa dos/as secundaristas, os diários de campo eram cadernos físicos, com capas construídas por eles/as a partir da temática de pesquisa escolhida, como mostra a imagem a seguir com 2 diários:

⁶ O Projeto Diretor de Turma (PDT) é voltado para as escolas de ensino médio realizado pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Esta ação tem o objetivo de proporcionar que um/a professor/a acompanhe proximamente uma turma da escola, sendo responsável por estar mais atentos/as a estes/as alunos/as, mediando sua relação com a comunidade escolar e lecionando a disciplina “Formação Cidadã” (Ceará, 2010).

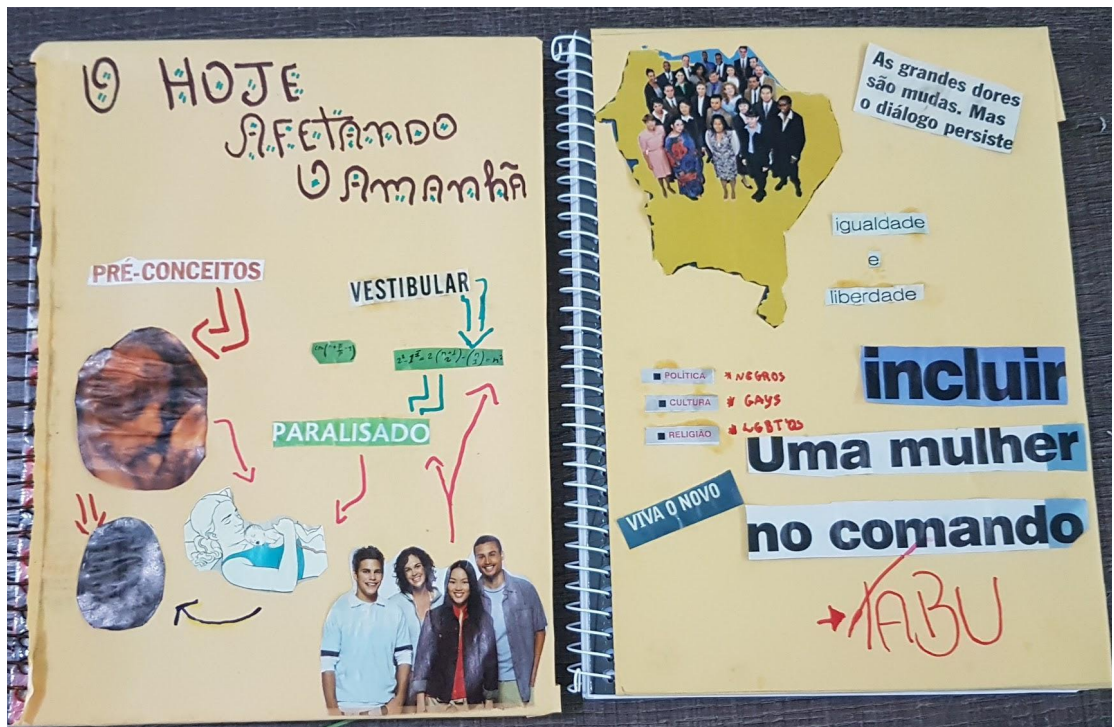


Figura 2. Diários de campo produzidos por duas equipes de pesquisadores/as secundaristas. Fonte: Arquivos de pesquisa das autoras.

Assim, a partir do material construído com esses dados, iniciou-se um processo de categorização dos dados com o auxílio do software “Atlas.ti” de análises qualitativas, esse que auxiliou na organização e na categorização dos trechos transcritos e de diário de campo. Neste artigo, a fim de discutir a temática da educação sexual, e do gênero e da sexualidade em articulação com a escola, focar-se-á no corpus de análise composto por falas transcritas dos encontros do curso de extensão, diários de campo dos/as pesquisadores advindos da Universidade e dos/as pesquisadores/as secundaristas e respostas dadas aos questionários produzidos pelas 3 equipes anteriormente mencionadas, focando especialmente no processo de construção de pesquisa destas.

A discussão tem como base um analisador principal, compreendendo analisadores como acontecimentos que desestabilizam e fazem surgir uma análise no processo de pesquisa (Lourau, 1993), esses que foram produzidos na análise coletiva entre pesquisadores/as da Universidade e pesquisadores/as da escola. Esse analisador é “Sexualidade, Gênero e Escola”, envolvendo um conteúdo que trata da educação sexual no contexto escolar, assim como situações de inclusão ou violência em relação à sexualidade e ao gênero neste espaço. Ainda, este analisador também conta com conteúdo

relacionado a situações de sofrimento vivenciadas por jovens no contexto escolar, especialmente relacionadas à sexualidade e à desigualdade de gênero e o papel que a escola pode exercer no cuidado com a saúde mental, bem como conteúdo relacionado a situações de violência e preconceito sofridas por jovens do grupo LGBTQIA+, bem como por violências de gênero⁷.

A partir das construções discursivas⁸ realizadas ao longo da elaboração do nosso dispositivo-curso de pesquisa, em que foi possível fazer ver e fazer falar acerca do cotidiano escolar, pôs-se em movimento a produção de saberes acerca da sexualidade e do gênero em sua relação com a escola e com as experiências das juventudes. Assim, é na produção do dispositivo-curso de pesquisa que os/as jovens mesmos constroem novos discursos acerca de suas sexualidades, de suas performatividades de gênero, analisando coletivamente o dispositivo sexualidade no cotidiano escolar.

Resultados

Com base no que foi apresentado anteriormente como presentes nas transcrições dos encontros do curso de extensão e nos diários de campo, esta seção trata dos resultados mais relevantes ao objetivo de análise deste artigo. Tendo isso em vista, esses encontros possibilitaram que desde o momento de elaboração dos objetos de pesquisa as questões de gênero e sexualidade fossem discutidas entre os/as jovens ao serem indagados/as acerca das temáticas que seriam relevantes para pesquisa no cotidiano escolar. Quando se organizaram em grupo a partir de escolhas comuns de temáticas de pesquisa, a sexualidade é colocada como parte da escola:

⁷ Diante desses dados, a Análise do Discurso (AD) de Foucault nos será cara para a análise dos trechos de falas transcritas e excertos de diário de campo. Para Foucault, o discurso não é um mero uso da língua, uma junção de palavras, mas uma prática, compreendido como uma produção histórico-social que está imersa nas relações de poder e saber (Fischer, 2001; Foucault, 1996). Dessa forma, analisar o discurso, investigá-lo, é analisar as relações históricas, as contradições, as verdades, as produções subjetivas construídas discursivamente. Não se trata, portanto, de buscar algo que estaria por trás do discurso, mas analisar as condições que possibilitaram aquele discurso, sua formação e sua transformação (Fischer, 2001).

⁸ Os nomes utilizados para os/as estudantes da escola, pesquisadores/as do cotidiano escolar, são fictícios, de modo a manter o sigilo.

Nosso tema é “Quem eu sou?”. A gente chegou nesse tema porque a gente escolheu a sexualidade. (Davi, pesquisador secundarista)

Mas como assim? Explica melhor. (José, pesquisador universitário)

A gente escolheu o tema igual, né? Dos temas que a gente escolheu, que foi a sexualidade. Aí a gente vê que dentro da nossa escola muitas vezes tem muitos jovens e adolescentes que sofrem com crises emocionais, crises de identidade e questão também da homossexualidade, de relacionamentos acontecendo dentro da escola entre os jovens, que sofrem com esses relacionamentos e ele vai afetar na vida estudantil. Também a questão da família, o ambiente escolar que o jovem pode ter dificuldades e várias outras coisas. (Davi, pesquisador secundarista)

No trecho destacado anteriormente, a escola é colocada por Davi, estudante da escola e pesquisador, como espaço constantemente atravessado pela sexualidade, seja pelas relações interpessoais, pelos momentos de introspecção ou sofrimento que se relacionam a experiências sexuais ou pela interferência dessas questões no processo de aprendizagem. O espaço escolar é, portanto, o local da vivência e da construção da sexualidade cotidianamente, relacionando-se com o contexto macrossocial de elaboração histórica desta (Louro, 2018).

Essa escola, entretanto, é apresentada, especialmente, por sua abertura para a promoção de espaços de discussão de diversas temáticas com estudantes, incentivando o reconhecimento das diferenças como parte intrínseca do ambiente escolar:

Tipo, é uma escola onde tem voz, tipo, a gente valoriza as pessoas diferentes, entendeu? Tipo, sem olhar com preconceito. Tem muita gente trans por aqui, tinham uns meninos que já conseguiu... que entrou no colégio e tinha vergonha de mostrar quem realmente era e hoje eles já são completamente quem eles são, já conseguiram virar mulheres fisicamente, e a gente adora esse tipo de diversidade. A gente, tipo, [a escola] é contra qualquer tipo de preconceito com qualquer tipo de gente, e isso é muito massa, eu achei isso muito interessante quando eu entrei aqui também e vi isso, porque não é todo lugar que é assim. (Thais, pesquisadora secundarista)

Apesar disso, esse espaço não se isola das questões macrosociais de violência e desigualdade. Isso pode ser observado no trecho de diário de campo de uma pesquisadora universitária ao falar sobre formas de preconceito:

Outro assunto que surgiu foi a presença de LGBTs na escola, Vanessa (pesquisadora secundarista) falou que no ano passado os que tinham na sua sala sofriam um “preconceito velado”, mas hoje já eram mais aceitos. Rachel (pesquisadora secundarista), no entanto, falou que na sua sala esses jovens sempre foram aceitos. (Diário de campo dos/as pesquisadores/as universitários/as, 2019)

O preconceito reconhecido e apontado por Vanessa na escola destaca esta como um espaço em que coabitam a reprodução de normatizações das expressões de gênero e de sexualidade e resistências ao modelo hegemônico da heterossexualidade binária. Corroborando com falas como essas, que aconteceram ao longo dos encontros do curso, estão os dados construídos a partir dos questionários elaborados entre pesquisadores/as secundaristas e universitários/as, especialmente em 3 das 7 pesquisas citadas anteriormente.

Uma das pesquisas tratava de preconceitos presentes na escola, foi intitulada “Como as opiniões antagônicas afetam a relação dos estudantes, podendo resultar no preconceito” e obteve 59 respostas de alunos/as das 3 séries do ensino médio, com idades entre 14 e 19 anos. Uma das perguntas do formulário era “Quais dos seguintes preconceitos você mais vê no colégio?”, tinha como opções de respostas: de Opinião Política; de Classe Social; de Religião; de Sexualidade; de Raça e Não existe. A opção “Sexualidade” foi a 2ª resposta mais marcada, ficando atrás de “Opinião Política”, com 22 dos/as respondentes escolhendo essa opção, apontando para uma forte presença dessa questão na escola.

Os dados da pesquisa intitulada “Saúde Mental”, que tratava especialmente das questões de bullying e bem-estar no espaço escolar e obteve 70 respostas de estudantes das 3 séries do ensino médio com idades entre 15 e 19 anos, ratificam o que foi apresentado na pesquisa anterior e reafirmam a ideia de que as expressões da sexualidade e de gênero consideradas “diferentes” ou “anormais” são alvo de violência na escola,

infligindo-lhes sofrimento. Na pergunta “Se já presenciou, ou aconteceu com você mesmo, alguma cena de Bullying ou preconceito conte como foi: (Se não presenciou relate o que você faria se presenciasse)”, apesar de muitas respostas não deixarem explícitas as motivações dos/as outros/as para tal agressão, algumas deixaram clara a relação com a sexualidade e com o gênero, que ocorrem no cotidiano escolar, mas que extrapolam as vivências na escola locus da pesquisa, abrangendo também experiências anteriores. Algumas respostas: *“Já fui agredido por minha sexualidade”*; *“Eu passei todo o meu fundamental sendo chamada de “sapatão” por não ser tão delicada e “feminina”*”; e *“Já sofri por ser aquela amiga que sempre protegeu todo mundo, uma menina forte e eu era chamada de “sapatão” por isso e pra falar a verdade, fiquei altamente abalada (...)”*.

Ainda, a última pesquisa que relaciona as questões gênero e sexualidade com o cotidiano escolar foi intitulada “O hoje afetando o amanhã” e abordou a gravidez na adolescência no período escolar, tratando acerca de ações preventivas e de cuidado relacionadas a esse acontecimento. O formulário obteve 59 respostas, sendo a maioria de alunos/as das 3 séries do ensino médio, com 3 respostas de membros/as da gestão e/ou professores/as. As questões de gênero, especialmente as que envolvem o papel social da mulher enquanto cuidadora e a divisão sexual do trabalho ganharam destaque nas respostas, como pode ser visto nas justificativas dadas à pergunta “O que pensa sobre a gravidez inesperada na adolescência?”, em que se tinha que escolher entre “normal”, “preocupante” e “nunca pensei sobre isso”, sendo algumas das respostas: *“Preocupante, pois muitas vezes pode acabar com um futuro que, principalmente a menina, poderá ter”*; e *“A garota deveria se preservar até ter o seu emprego garantido, ter filhos é bom mas, eles precisam de muita atenção o que faz que eles tirem muito tempo da rotina de estudos de uma mãe adolescente”*. Em um dos momentos de restituição com discussão dos resultados das pesquisas apresentados pelos próprios jovens aos professores/as DTs, as estudantes do grupo “O hoje afastando do amanhã” destacam o controle sobre os corpos femininos quando se trata de prevenção à gravidez.

[Lendo uma resposta do formulário]: “Hoje em dia transar é normal e muitas meninas não se preocupam com a sua saúde....” Meninas, nunca os meninos!

[Continuando a leitura da resposta]: “Pois e se outro tiver uma doença?”

Gravidez não é acontecido de repente, até porque tem muitos métodos de prevenir. E muitas meninas engravidam e abortam, e eu não acho... não acho isso justo. Se não queria engravidar, por que não se preveniu?”. As meninas, e os meninos não, né? Só foi citado meninas. Será que a educação sexual seria... deveria ser dada somente para as meninas? Óbvio que não. Os meninos também fazem, também estão nessa parcela. (Natália, pesquisadora secundarista)

Outro dado desta pesquisa que chamou a atenção da equipe “O hoje afetando o amanhã” se relaciona diretamente com a educação sexual na escola, em que 100% dos/as respondentes marcaram “Sim”, dentre as opções “Sim” ou “Não” em resposta à pergunta “Você acha importante conversar sobre educação sexual na escola?”. Além da pergunta de múltipla escolha, logo em seguida foi pedido que justificasse a resposta anterior. As justificativas colocavam a educação sexual como um meio para prevenir a gravidez na adolescência e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), além da necessidade de sua inserção na escola pela falta de espaços para conversas com responsáveis sobre o assunto e da educação sexual como forma de auxiliar em conflitos pessoais relacionados à orientação sexual. Ainda, outras justificativas apresentam ressalvas em relação ao exercício da educação sexual na escola, sendo essa possível a depender da faixa etária e do consentimento dos/as responsáveis, e estabelecendo a necessidade de que também seja responsabilidade da família.

Além das respostas recebidas no questionário, no encontro entre as duas turmas de pesquisa, ao apresentarem o dado quantitativo encontrado, uma das estudantes-pesquisadoras, participante de outra equipe de pesquisa contesta o dado, como apresentado no trecho de diário de campo dos/a pesquisadores/as universitários/as:

Durante sua apresentação, quando falaram o dado que “100% dos que responderam a pesquisa queriam educação sexual”, Maria (pesquisadora secundarista), que era da outra turma, logo virou a afirmar que não eram realmente todas as pessoas da escola que queriam educação sexual, pois muitas pessoas religiosas e com famílias conservadoras estudavam na escola e não queriam que esse conteúdo fosse tratado. (Diário de campo dos/as pesquisadores/as universitários/as, 2019)

A colocação de Maria, que contestou a ideia de uma aceitação “completa” da educação sexual no ambiente escolar, apresenta o reconhecimento de que os/as estudantes são subjetivados por diversos discursos e diversas instituições que os atravessam. Dessa forma, a discussão das questões de gênero e sexualidade na escola e os acontecimentos que as envolvem no cotidiano escolar são também perpassados por esta dispersão discursiva. Esta questão também foi trazida em outros momentos do curso, como pode ser visto a seguir:

O tema é “como quebrar padrões sociais?” e a gente pensou [na escola] em geral como isso daí encaixaria. Mas o que a gente pensou é que os padrões sociais que são impostos já estão tão na nossa cabeça, que não sabemos nem diferenciar o que é nosso e o que foi plantado na gente e isso vem de vários lugares. A Maria (pesquisadora secundarista) é da igreja, mas ela concordou que a igreja tem muito influenciado nesse pensamento principalmente com aborto, homossexuais, essas coisas que tá implantado nas nossas cabeças, tanto que você vai numa igreja você não vai dizer que é contra ou não mas vai ficar com o pé atrás... e foi praticamente isso. (João, pesquisador secundarista)

A saber, as 3 pesquisas contavam com uma pergunta que pedia propostas do que seria possível fazer com a escola para que se pudesse pensar em mudanças relacionadas às problemáticas ressaltadas. Nos 3 formulários, as respostas sugeriam algumas ações, tais como: a promoção de palestras e grupos de apoio; a presença de profissionais de psicologia na escola; aulas de educação sexual; estimular a maior aceitação entre alunos/as; apoio emocional na escola e finalmente, maior abertura para o diálogo, com a oferta de mais espaços de conversa.

Discussão

A escola, enquanto instituição de ensino das infâncias e das juventudes, e por elas constituída, é espaço de produção daquilo que é compreendido como gênero e sexualidade, sendo atravessada por e reproduzindo visões hegemônicas acerca dessas questões (Louro, 2018). A pedagogia constitui, também, forma de controle dos corpos,

regularizando o sexo das crianças e, aliada a outras construções de saber, como o médico e o religioso, construindo as regras do corpo a serem seguidas (Foucault, 2020). O normal da sexualidade e do gênero, especialmente construído a partir de parâmetros médicos, morais e religiosos que criam uma “verdade” sobre o sexo (Foucault, 2020), é aquele que apresenta “(...) coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2003, p. 38), sendo esta ideia simultaneamente difundida e rompida no ambiente escolar. Assim, a partir das produções discursivas de jovens estudantes destacadas anteriormente, é possível perceber este jogo de verdades na escola entre a manutenção e a desordem do que é considerado correto e compreensível.

A reprodução e a produção no ambiente escolar de normalizações em relação ao corpo e às questões de gênero e sexualidade apontadas nos dados das pesquisas e nos relatos dos/as pesquisadores/as secundaristas ressaltam a violência e o sofrimento que acompanham as formas não-binárias e não-heterossexuais de expressão do gênero e da sexualidade neste espaço. Aquele/a que é considerado/a fora do normal é alvo de um processo que é, ele mesmo, fundado na ideia de “igualdade” reproduzida na escola, sendo a escola também atravessada pela ideia de um outro “anormal” nas relações entre os/as membros/as da comunidade escolar, de forma semelhante ao que acontece em um âmbito macrossocial, para além dos muros da escola (Bento, 2011).

Essa ideia não deixa de ser tensionada na escola por meio da produção de outras práticas, que são apontadas pelos/as estudantes como acolhedoras de performatividades dissidentes, que fogem à norma binária e heterossexual. Entretanto, ainda que diante de uma escola que busca romper com práticas segregatórias, a presença dessas violências ainda é marcante para os/as estudantes. Os discursos que produzem a normalidade e anormalidade, que colocam a responsabilidade sobre os cuidados da saúde sexual exclusivamente em pessoas do sexo feminino ou que permitem que um/a estudante seja agredido por conta de sua orientação sexual, como no comentário de uma aluna que respondeu a uma dos questionários afirmando “*Já sofri por ser aquela amiga que sempre protegeu todo mundo, uma menina forte e eu era chamada de "sapatão" por isso e pra falar a verdade, fiquei altamente abalada (...)*”, estão na escola bem como aqueles que desnaturalizam as práticas ditas “normais” e ocupam este espaço de forma a compreendê-lo como local de libertação, como dito no comentário de Thais acerca do possibilidade de

expressar-se na escola “*A gente, tipo, [a escola] é contra qualquer tipo de preconceito com qualquer tipo de gente, e isso é muito massa, eu achei isso muito interessante quando eu entrei aqui também e vi isso, porque não é todo lugar que é assim*”. O dispositivo sexualidade, portanto, inventa e penetra os corpos nessas diferentes produções acerca da sexualidade, sendo a partir da sexualidade que o sujeito se enuncia e a partir dela que este deve se calar (Foucault, 2020), tendo a escola como uma instituição privilegiada deste jogo de poder-saber.

Como afirma Foucault (2020), a ciência médica e a religião, em especial o cristianismo, não proibem que se construam discursos sobre o sexo, mas criam, a partir de seus saberes, discursos que atuam como verdades do sexo, utilizando-se de diferentes mecanismos de poder. Enquanto a religião propõe uma sexualidade que deve ser pautada pelo discurso pecaminoso durante a infância e a adolescência, a medicina produz uma ciência sexual e um discurso que estratifica a sexualidade entre o normal e o patológico (Foucault, 2020). Essas duas formas de produção de saber atravessam o cotidiano escolar. No caso de Maria, por exemplo, o atravessamento do discurso religioso se torna mais claro: ao se deparar com o dado de que 100% dos/as respondentes da pesquisa “O hoje afetando o amanhã” acha importante conversar sobre educação sexual na escola, coloca a família e o conservadorismo, muitas vezes ligado à religião, como empecilhos para que isso aconteça. Entretanto, no momento de construção da pesquisa, seu colega afirma que ela mesma destaca que pensamentos homofóbicos fazem parte do cotidiano da igreja, e que essa instituição contribui com a construção de um “padrão social” que precisa ser quebrado.

Dessa forma, as diversas expressões e a discussão acerca da sexualidade e do gênero na escola são perpassadas por esse aspecto de contrariedade entre a comunidade escolar, de forma semelhante ao que é apresentado no Plano Estadual de Educação do estado do Ceará. Ao passo em que a escola é reconhecida como local propulsor de mudanças, que tem, de acordo com o PEE, o papel de romper com ciclos de violência contra determinadas populações e de incluí-las efetivamente como parte deste espaço, e que é colocada pelos/as estudantes como lugar que dá possibilidade para diversas formas de expressão de si, ela também é espaço de banir a “ideologia de gênero” e aparece, como

nos relatos, como lugar de acontecimentos de profundo sofrimento e violência contra corpos ditos diferentes.

A promoção da educação sexual é, também, atravessada por esse conflito na escola: enquanto é colocada na pesquisa “O hoje afetando o amanhã” por todos/as como importante, muitas respostas a associam ao impedimento da gravidez na adolescência, ligando-a a relações heterossexuais, limitando seu papel a um certo público, que compartilham de um desejo “normal”, e de um aspecto biomédico de sexualidade restrita à reprodução da espécie, de forma semelhante ao que Louro (2014) aponta estarem presentes nos manuais e currículos acerca da educação sexual. Assim, os embates políticos em torno da inserção destas temáticas como questão escolar trazem o caráter de disputa para o cotidiano dessas juventudes, tendo um lugar em aberto que permite que diferentes abordagens de se relacionarem com essas questões sejam elaboradas nesta instituição (Vianna & Bortolini, 2020).

Em meio a essa disputa, as construções discursivas dos/as estudantes também apontam rumos que contrapõem a visão hegemônica de gênero e sexualidade e do distanciamento destas temáticas da escola. Os/as jovens, ao escolherem temas que perpassam o gênero e a sexualidade como interessantes para a investigação no cotidiano escolar, destacam esses como objetos inseparáveis da escola e que implicam diferentes acontecimentos neste espaço, incluindo a possibilidade de expressar-se em relação ao seu gênero e à sua sexualidade, como afirma Thais “*Tem muita gente trans por aqui, tinham uns meninos que já conseguiu... que entrou no colégio e tinha vergonha de mostrar quem realmente era e hoje eles já são completamente quem eles são, já conseguiram virar mulheres fisicamente, e a gente adora esse tipo de diversidade*”. Ao colocarem em questão os preconceitos, as violências, os sofrimentos e as consequências de ações ligadas ao gênero e à sexualidade em sua relação com a escola, fizeram emergir uma dispersão discursiva acerca de si e desse espaço.

Durante o processo de compartilhamento dos dados de pesquisa para a comunidade escolar, por exemplo, uma das alunas que formava o grupo “O hoje afetando o amanhã”, ao destacar uma das respostas, questiona o que é colocado a partir de um deslocamento dos papéis socialmente estabelecidos de gênero. No momento que a fala coloca a “menina” como a única a ter que se preocupar e se responsabilizar pela saúde

sexual e pela gravidez, Natália contrapõe este discurso ao longo da leitura, destacando o recorte dado e discordando da idealização de um gênero feminino essencialmente e unicamente “cuidador”, especialmente em sua relação com a escola e a educação sexual, incitando um novo discurso acerca dos papéis de gênero na escola. Scott (1995) aponta o aspecto de destaque do gênero em relação ao poder, em que estes são construídos reciprocamente, sendo o gênero forma de saber fundante nos modos de organização social, mas que não está completamente fixo em seus significados, e sim permanece em fluxo.

Assim, a mudança nas estruturas de gênero e nos jogos de poder se dá a partir de acontecimentos que permitam outras construções de saber (Scott, 1995), o que, de modo microssocial, no recorte desta escola, pode ser visto na fala da pesquisadora secundarista citada no exemplo anterior ao romper com o discurso limitante do que é o papel de homem ou de mulher. Além disso, quando incitam pares e outros/as membros/as da comunidade escolar a pensarem e construírem estratégias que disparem a mudança nos modos de tratar de temáticas como o bullying, o preconceito e a gravidez na adolescência, promovem a construção de outros discursos, permitindo haver espaço para modificações das significações hegemônicas de gênero e sexualidade.

As propostas de ações dadas pelos/as respondentes das pesquisas se relacionam, especialmente, a atividades grupais, que envolvam todo o corpo escolar, além de ressaltarem a necessidade de um engajamento coletivo para que haja mudança. Desse modo, as propostas, ainda que não diretamente relacionadas às questões de gênero e sexualidade, trazem ideias congruentes ao campo da Educação para a Sexualidade. Esse conceito se refere a um campo de saber que busca se diferenciar do caráter moralista, com objetivos normalizadores e profundamente biomédicos com que muitas vezes é tratada a educação sexual, tendo a proposta de discutir o gênero e a sexualidade de forma mais ampla, pensando sua construção histórico-social (Varela & Ribeiro, 2017).

Portanto, a Educação para a Sexualidade se propõe a discutir não só aspectos preventivos relacionados à sexualidade, mas os diversos aspectos que atravessam essa e as questões de gênero, como as violências e os sofrimentos, a elas relacionadas, procurando desnaturalizar modos dominantes de produzi-las, o que deve ser feito a partir da promoção de espaços compartilhados de diálogo (Varela & Ribeiro, 2017). Sendo

assim, as propostas dos/as estudantes parecem se direcionar para um modo de pensar o gênero e a sexualidade que, assim como na Educação para a Sexualidade, possibilite uma relação direta com o que é experienciado no ambiente escolar, como o bullying, os preconceitos e a gravidez, construindo espaços para discussão de modo coletivo, sem estarem tomados por um caráter prescritivo.

Ademais, é importante acrescentar que os/as alunos/as, ao buscarem formas de lidar com as problemáticas de pesquisa, destacam o papel que pode ter a Psicologia. Esse campo oferece, diante de acontecimentos como os pesquisados, uma escuta qualificada, que não se restringe apenas ao acolhimento individual, mas que se amplia ao trabalho em coletivo, permitindo que questões como gênero e sexualidade, e o processo educacional, tão envoltos por afetos e sentimentos, tenham amparo também no/a profissional Psi no ambiente escolar, oferecendo um outro olhar sobre questões tão marcantes no cotidiano da escola (Moura, Pacheco, Dietrich & Zanella, 2011). Entretanto, ainda que sem a presença desse/a profissional, como é o caso da escola em questão, a presença de professores/as, gestão escolar e estudantes engajados/as em promover a abertura para a discussão conjunta e o empenho em desnaturalizar discursos podem incitar resistências frente à normalização dos corpos juvenis.

Considerações finais

Procurou-se, na escrita deste artigo, destacar pontos relevantes para discutir como jovens estudantes vêm construindo discursos acerca do gênero e da sexualidade no cotidiano escolar. As falas transcritas de momentos de participação do curso de extensão dos/as co-pesquisadores/as secundaristas, os diários de campo, e as respostas dos/as pares aos questionários construídos coletivamente foram analisadas de forma a possibilitar reflexões acerca dos atravessamentos institucionais da discussão destas questões na escola, bem como a multiplicidade de discursos produzidos pelos/as estudantes e como estes se articulam com o ambiente escolar.

O dispositivo curso de extensão e a produção da pesquisa foram tanto uma forma de dar visibilidade à relação entre gênero, sexualidade e escola, quanto um modo de fazer falar acerca da vivência escolar das juventudes em seu atravessamento com estas

questões. O apropriar-se do papel de pesquisador/a colaborou com o investimento dos/as jovens com questões que já faziam parte de seu cotidiano, mas permaneciam pouco exploradas, com curiosidade que incitou a investigação. A relação entre a escola e a universidade, através da produção conjunta de pesquisas, buscou despertar a transformação e, ao atuarem como pesquisadores/as do próprio cotidiano escolar, os/as estudantes colocaram em foco os diversos discursos que circundam a escola e as juventudes, refletindo e promovendo discussões que ressaltaram a possibilidade de mudança nestas produções.

Mesmo diante da participação de estudantes e professores/gestores nas respostas às pesquisas, compreendemos que há uma limitação no que concerne aos variados discursos que atravessam a escola, por haver um grupo de pessoas pequeno respondendo cada pesquisa se comparado ao grande corpo discente e docente da escola. Como pudemos perceber a partir da fala de Maria, ao destacar que nem todas as pessoas gostariam que houvesse Educação Sexual naquela escola, não foi possível abranger pessoas que corroboram com essa afirmação nas respostas dadas no formulário de pesquisa. Isso pode tanto ser efeito da temática, que não era de interesse dessas pessoas e, por isso, não responderam, quanto uma limitação do próprio processo de pesquisa que, por ter várias temáticas de pesquisa sendo debatidas na escola em um mesmo momento, limitou a adesão de outras pessoas aos questionários.

Ainda assim, a discussão acerca das experiências de gênero e de sexualidade no ensino médio, ofertada pela escola, foi permeada tanto pelas regulações morais e biomédicas do corpo quanto pela promoção de resistências frente a elas, sendo os/as jovens ora contrários, ora a favor de sua ocorrência, mas apresentando uma constante preocupação com as reverberações em suas vivências, como no preconceito, no bullying e na gravidez na adolescência, que findaram por tornar-se temas centrais de investigação. Desse modo, as pesquisas produzidas na escola apontaram para a necessidade de elaborações conjuntas entre toda a comunidade escolar, tendo estas enunciado a necessidade de refletir, comunicar e produzir espaços que possam gerar mudança diante de problemas que permeiam esse ambiente. Os/as pesquisadores/as secundaristas convocaram a escola e a Psicologia para pensar essas mudanças, para construir, com eles/as, novos discursos de seus gêneros e de suas sexualidades.

Refletir acerca do cotidiano escolar entre diversos grupos que compõem a escola foi possível nos momentos de restituição, tanto com os representantes discentes de cada turma do ensino médio, quanto com os DTs. Nesses espaços, estudantes compartilharam os resultados das pesquisas, bem como suas propostas para mudanças diante de algumas de suas críticas. Com uma frente aberta para diálogo, houveram discordâncias por parte de professores, que afirmaram já discutir questões de gênero e sexualidade na escola, bem como reivindicações de mudança e pedidos de implicação do espaço escolar com o que foi entendido como problemático. Como desdobramento do grupo “O hoje afetando o amanhã” e dos diálogos acerca dessa questão com professores/as e estudantes, foi realizada uma pesquisa de doutorado que teve como dispositivo a participação de estudantes na construção do processo investigativo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM)⁹. A partir dessa pesquisa foi produzida uma cartilha sobre as questões que envolvem a maternidade e paternidade na adolescência na escola, sendo material de consulta para todos/as do espaço escolar.

Ainda que se esteja falando de uma escola que é colocada pelos/as próprios/as alunos/as como local de aceitação, há muito a ser construído de forma micro e macrossocial em relação à educação sexual e à criação de espaços não-prescritivos na escola, assim como no campo da Psicologia para sua atuação em conjunto com a comunidade escolar. Esse processo investigativo possibilitou que mais trabalhos pudessem ser realizados envolvendo tais temáticas, fazendo com que as discussões promovidas ao longo desta pesquisa sigam reverberando no espaço escolar, perpetuando possibilidades de transformação. A pesquisa pode ser vista, portanto, como dispositivo de dizibilidade e visibilidade, uma aliada importante para a produção de novos possíveis com as juventudes acerca da relação gênero-sexualidade-escola.

Referências

Appadurai, A. (2008). The right to Research. *Globalisation, Societies and Education*,(2), 167-177. <http://dx.doi.org/10.1080/14767720600750696>

⁹ O PIBIC-EM aconteceu no período de 2020 a 2021 e contou com a participação de 3 estudantes da escola na elaboração da pesquisa, junto com estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia da UFC. Foi feita a partir de formulário online e teve a participação de 600 membros/as da comunidade escolar.

- Barbosa, L. U, Viçosa, C. S. C. L., Folmer, V. (2019). A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. *Revista Eletrônica Acesso Saúde*, 11 (10), 1-10. Recuperado de <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/download/772/515>
- Bento, B. (2011). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, 19 (2), 548-559. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>
- Britzmann, D. (2018). Curiosidade, sexualidade e currículo. In G. L. Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. (pp. 83-111). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1999).
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1990)
- Carvalho, F. F. B. (2015). A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 25(4), 1207-1227. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312015000400009>
- Chamada Pública Para Adesão ao Projeto Diretor de Turma, de 12 de janeiro de 2010*. (2010, 12 de janeiro). A Secretária da Educação, no uso de suas atribuições, resolve abrir chamada pública para adesão ao Projeto Diretor de Turma nas escolas públicas estaduais para o ano de 2010. Fortaleza: Secretaria da Educação. Recuperado de <https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2010/01/diretordeturma.pdf>.
- Deleuze, G. (2005). *Foucault*. (C. S. Martins, Trad.). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1986)
- Fischer, R. M. B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 197-223. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. (L. F. A. Sampaio, Trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em 1971)
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. (Vol. 1). (M. T. Albuquerque, Trad., J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra. (Original publicado em 1976)
- Junqueira, R. D. (2017). “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In P. R. C. Ribeiro (Org.), J. C. Magalhães (Org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade* (pp. 25-52). Rio Grande: Editora da FURG.
- Lei nº 16.025, de 30 de maio de 2016*. (2016, 30 de maio). Dispõe sobre o Plano Estadual De Educação (2016/2024). Ceará: Poder Executivo do Estado do Ceará, 2016. Recuperado de <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2016/02/20170020-LEI-16025-2016.pdf>

- Lourau, R. (1993) *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Louro, G. L. (2014). Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes. (Original publicado em 1998).
- Louro, G. L. (2018). Pedagogias da Sexualidade. In G. L. Louro (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1999).
- Maraschin, C., Rocha, M. L., Kastrup, V. (2015). Pesquisa-intervenção com TIC em um serviço de saúde mental no Brasil. *Revista Polis e Psique*, 5(3), 94-118. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2015000200007&lng=pt&tlng=
- Medeiros, N. M., Mourão, L. C. C. B., Miranda, L. L. (2020). Entre a igualdade e a diferença nos discursos do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas. *Psicologia & Sociedade*, 32 (2), 1-17. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i173553>
- Medrado, B., Spink, M. J., Mélo, R. P. (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: M. J. P. Spink (Org.), J. I. M Brigagão (Org.), V. L.V. Nascimento (Org.), M. P. Cordeiro (Org.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas (pp. 274-294). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Recuperado de http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19088/1/2014_capliv_rpmello.pdf
- Miranda, L. L. (2014). Uma câmera na mão e um dispositivo na cabeça: carta aos pesquisadores. In G. M. Tavares (Org.), M. Moraes (Org.), A. G. Bernardes (Org.). *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia* (pp. 77-88). Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo EDUFES.
- Miranda, L. L., Fine, M., Torre, M. E. (2020). Possible Connections Between Intervention Research (IR-Brazil) and Critical Participatory Action Research (CPAR-USA). *Trends in Psychology*, 28, 133-147. <https://doi.org/10.9788/s43076-019-00004-3>
- Miranda, L. L., Gonçalves, S. D., Barros, E. E. S., Gonçalves, L. T. L., Queiroz, A. A. (2020). Jovens pesquisadores do cotidiano escolar: uma análise do processo de pesquisa. In J. P. P. Barros (Org.), D. C. Antunes (Org.), R. P. Mélo (Org.). *Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos: estudos do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)* (pp. 264-283). Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Moura, A. F. M., Pacheco, A. P., Dietrich, C. F., Zanella, A. V. (2011). Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. *Psicologia Argumento*, 29 (67), 437-446. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20217/19501>
- Paulon, S. A. (2005). Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 18-25. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000300003>

- Rocha, M. L., Aguiar, K. F. (2010). Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública de ensino. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10 (1), 68-84.
Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a06.pdf>
- Sandwick, T., Fine, M., Greene, A.C., Stoudt, B., Torre, M.E, Patel, L. (2018). Promise and Provocation: Humble Reflections on Critical Participatory Action Research for Social Policy. *Urban Education - Sage Journals*, 53 (4), 473-502.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>
- Torre, M.E, Stoudt, B., Manoff, E., Fine, M. (2018). Critical participatory action research on state violence: bearing wit(h)ness across fault lines of power, privilege, and dispossession. In Denzin, N. K. (Org.), Lincoln, Y. S. (Org.). *The SAGE handbook of qualitative research* (pp. 492-515). Thousand Oaks: SAGE.
- Varela, C. M., Ribeiro, P. R. C. (2017). Educação para a Sexualidade: A constituição de um campo conceitual. In P. R. C. Ribeiro (Org.), J. C. Magalhães (Org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade* (pp. 11-24). Rio Grande: Editora da FURG.
- Vianna, C., Bortolini, A. (2020). As agendas feministas, LGBT e antigênero em disputa nos Planos Estaduais de Educação (2014-2018). In C. Vianna (Org.), M. Carvalho (Org.). *Gênero e Educação: 20 anos construindo conhecimento* (pp. 81-102). Belo Horizonte: Autêntica Editora.